



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de comemoração dos 50 anos da empresa Caterpillar Brasil**

Piracicaba-SP, 30 de agosto de 2004

Meu caro Geraldo Alckmin, governador do estado de São Paulo,
Meu caro José Machado, prefeito da cidade de Piracicaba,
Meu caro William Rohner, presidente da Caterpillar do Brasil,
Senhor Steve Wunning, presidente do Grupo Caterpillar,
Embaixador Danilovich, embaixador americano no Brasil,
Senhor José Amaury, nosso querido ministro interino da Agricultura e
Pecuária,

Meu querido companheiro João Herrmann, deputado Federal,
Meu querido amigo Mendes Thame, deputado Federal,
Senhores secretários estaduais,
Senhores deputados estaduais,
Deputados federais,
Vereadores,
Prefeitos que eu vi aqui, de muitas cidades,
Meu caro José Luiz, presidente do Sindicatos dos Metalúrgicos de
Piracicaba,
Meus amigos,
Minhas amigas,
Funcionários e funcionárias da Caterpillar,

Que bom se nós pudéssemos viver em festa como estamos vivendo
hoje. Mas, quando um presidente da República, ministros, deputados,
governadores, saem da sua atividade normal, nos seus gabinetes, e vêm
participar de uma festa como esta é porque nós queremos dar sentido a uma



coisa boa que está acontecendo no nosso país.

O Brasil está, mais do que nunca, aprendendo a gostar de si. Nós vimos ontem, na final do vôlei, quando o Brasil foi consagrado campeão olímpico, aqueles jovens todos, não apenas cantando o Hino Nacional, mas quando, muitas vezes, ficavam de boca fechada, e quando todos estavam abraçados à Bandeira Nacional. Isso significa auto-estima à flor da pele. Isso significa que se um povo não acredita nos seus valores, se um povo não acredita no seu país, tudo o mais será complicado e mais difícil.

Eu queria dizer para vocês que estou em Piracicaba revendo um amigo. Tive a alegria de encontrar, aqui, o meu companheiro Vilar, que foi presidente do Sindicato dos Bancários, que foi a primeira pessoa que me trouxe a Piracicaba, lá pelos anos de 78,79, quando o nosso querido João Herrmann era prefeito da cidade de Piracicaba. E, se não fosse esse ilustre visitante – que, na época não era ilustre – estar aqui, possivelmente a divergência entre o Vilar e o João Herrmann não terminasse naquela noite.

Quero dizer para vocês da alegria de passar dentro de uma fábrica e ver o sorriso, a alegria estampada na cara de cada funcionário. Eu digo sempre que não tem nada que possa dignificar mais um ser humano do que o trabalho. Nada! Nada dá mais sentido de cidadania a um ser humano do que trabalhar e, no final do mês, com o resultado do seu trabalho, sustentar a sua família.

E a gente vê, na cara das pessoas, a alegria, primeiro, de estar trabalhando, num país onde durante muito tempo o emprego esteve como um produto rareado. Minha alegria, Governador e dirigentes da Caterpillar, é que o melhor sintoma de que a economia brasileira está em franca recuperação é que, entre 1º de janeiro e 1º de julho deste ano, nós criamos 1 milhão 236 mil, 174 novos postos de trabalho. Postos de trabalho com carteira profissional assinada, com a dignidade que nós vimos estampada na cara desses funcionários e dessas funcionárias, sem contar a empregada doméstica, sem contar o serviço público, numa demonstração de que as coisas estão



acontecendo como todos nós desejamos que aconteçam. Por isso eu estou feliz. Estou feliz participando dessa comemoração de 50 anos da Caterpillar, uma empresa que contribui de forma exemplar para o crescimento do nosso país.

Vocês, trabalhadores, trabalhadoras e dirigentes da Caterpillar, certamente estão orgulhosos do trabalho que fazem e das poderosas e bonitas máquinas que constroem. Tenho falado, em várias oportunidades, que já ouvi de diversos empresários, nacionais e estrangeiros, inúmeros testemunhos, altamente elogiosos, sobre a qualidade e a dedicação do trabalhador brasileiro. Tenho mais uma vez diante dos meus olhos, aqui na Caterpillar, o exemplo concreto que motiva esses elogios. A crescente capacitação profissional do trabalhador brasileiro, aliada à competência e ao arrojo de nossos empresários, tudo isso é a expressão mais viva e forte da capacidade de vocês.

Fico feliz de estar numa empresa que é líder no seu ramo de atuação – um setor que está crescendo como um todo –, e que agrega, de forma constante e criativa, modernas tecnologias e competitividade à indústria brasileira, além de contribuir significativamente para o aumento e a diversificação de nossas exportações.

Sei que a Caterpillar tem lançado constantemente novos produtos no mercado brasileiro, obtendo certificações de excelência e recordes históricos de geração de emprego. E faz isso investindo no aprimoramento de sua força de trabalho, nos projetos sociais e no respeito ao meio ambiente, o que justifica a pujança, o espírito empreendedor e a elevada responsabilidade social desta empresa.

Meus amigos, minhas amigas,

Companheiros e companheiras,

Tenho certeza de que os recentes investimentos realizados pela Caterpillar são mais uma prova do grau de confiança que ela tem demonstrado nos novos rumos da economia brasileira. Estamos, felizmente, superando os



enormes obstáculos criados pela política recessiva. A economia voltou a crescer e a agenda do Brasil, hoje, já é a do desenvolvimento com inclusão social.

E, para isso, foi fundamental a recuperação da credibilidade internacional e a redução da vulnerabilidade externa do nosso país.

As fábricas e o comércio em geral estão vendendo mais. O emprego formal está aumentando. E, certamente, iremos criar muito mais empregos até o final do ano. Penso que os bons prognósticos de crescimento para 2004 – assim como para os anos seguintes –, são realistas e podem melhorar ainda mais. O desempenho de nosso setor exportador está fazendo história, marcando o início de uma nova era de desenvolvimento e prosperidade.

Da nossa parte, estamos fazendo o que é preciso fazer, com autonomia e maturidade, para que o nosso país avance neste novo ciclo de desenvolvimento sustentado: estamos fortalecendo o Mercosul e os laços com nossos parceiros latino-americanos; estamos construindo alianças estratégicas com vistas à criação de uma nova geografia comercial; estamos lutando nos foros internacionais para abolir os diversos tipos de protecionismo impostos pelos países mais desenvolvidos, e abrindo novos mercados por meio de uma política externa ativa e soberana.

E estamos, igualmente, fazendo da inclusão social um fator fundamental do nosso desenvolvimento, beneficiando o conjunto da população brasileira, em especial o povo mais pobre do nosso país.

Quero destacar que a renda dos trabalhadores já começou a se recuperar. E isso não somente é justo socialmente, como significa um poderoso estímulo para a nossa economia crescer mais ainda.

Meus amigos e minhas amigas,

Sempre que visito uma fábrica, relembro com emoção minha trajetória de vida. Foi numa fábrica que aprendi a dar o devido valor ao trabalho e aos resultados do esforço coletivo. Foi numa fábrica que me filiei a um sindicato e



me tornei líder sindical. Foi numa fábrica que adquiri consciência de que era necessário mudar o Brasil, objetivo maior do nosso governo.

Eu gostaria, portanto, nesse espírito de conagração, de renovar os meus parabéns aos trabalhadores, trabalhadoras e dirigentes da Caterpillar, desejando-lhes sucesso profissional e, em breve, muitas outras comemorações.

Queria dizer aos diretores da Caterpillar que vieram dos Estados Unidos para participar dessa festa de 50 anos de vida da Caterpillar no Brasil; dizer aos fornecedores, aos consumidores, aos clientes, aos trabalhadores e trabalhadoras dessa empresa e ao maestro Ernesto (inaudível) e a toda a sua orquestra, que nós estamos vivendo um momento que eu diria auspicioso para o nosso país.

O que nós estamos vendo, aqui, o que estamos assistindo, aqui, é uma coisa que poderemos assistir em algumas empresas que não tiveram a mesma sorte da Caterpillar, há algum tempo atrás, e que fecharam as suas portas por falta de mercado.

Foi assim que aconteceu com a nossa indústria naval, que agora estamos recuperando. Foi assim que aconteceu com várias indústrias brasileiras que produziam peças e materiais para locomotivas, vagões e ferrovias e que, agora, estamos recuperando.

Dizia ao governador que sábado que vem vou à Cobrasma, em Osasco, sexta-feira à tarde. E vou à Cobrasma por uma razão muito simbólica. Quando eu era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, em 78, o primeiro presidente da FIESP a visitar um sindicato foi Luiz Eulálio Bueno Vidigal que era, então, o presidente da Cobrasma.

Essa empresa fechou, faliu, nunca mais produziu nada. Agora, do ano passado para cá, voltou a funcionar na medida em que as ferrovias brasileiras começaram a se recuperar, e essa empresa já está com mais de 1.200 trabalhadores. E nós vamos lá.



A indústria onde eu trabalhei durante 21 anos, a Villares, que estava para produzir locomotivas na cidade de Araraquara, construiu uma fábrica, chegou a ter 3 mil trabalhadores, e essa empresa simplesmente fechou, porque o Brasil abandonou, praticamente, as suas ferrovias. Agora essa empresa voltou a funcionar, com outro nome, e já tem mais de mil trabalhadores.

Eu estou falando isso para dizer à Direção da Caterpillar que fiquem certos de uma coisa: não haverá falta de dinheiro para investimento na infraestrutura brasileira.

Possivelmente, há alguns anos, não se esperava que a economia brasileira voltasse a crescer tão rapidamente. E, mais do que a economia crescer rapidamente, possivelmente não se tivesse esperança de que as nossas exportações fossem dar o salto de qualidade que elas deram nesses últimos 20 meses.

E deram um salto de qualidade porque nós resolvemos não ficar esperando que os nossos clientes, que os nossos compradores viessem ao Brasil. Nós resolvemos sair no mundo para dizer que o Brasil não é apenas o país do carnaval; que o Brasil não é apenas o país do futebol; que o Brasil não é o país onde morrem mendigos no centro da cidade mais importante do Brasil; que no Brasil não há apenas criança de rua. O Brasil é tudo isso, mas o Brasil também é um país de indústria de ponta, de alta tecnologia, de trabalhadores preparados como vocês, aqui, na Caterpillar.

Com muito orgulho, não por ser o Presidente da República, mas por ser metalúrgico, este ano é o terceiro elogio que eu ouço empresários fazerem aos trabalhadores brasileiros. O primeiro foi em Genebra, quando o presidente de uma empresa alemã disse, num debate com 274 empresários, que na pesquisa feita pela Mercedes-Benz, os trabalhadores mais qualificados eram os trabalhadores da Mercedes-Benz do Brasil.

Depois, tive a oportunidade de a vice-presidente internacional da Ford, num encontro com mais de 600 empresários, em Nova Iorque, dizer



textualmente que ela tinha consciência de que todas as fábricas da Ford do mundo onde os trabalhadores produziam com mais qualidade e onde os trabalhadores tinham mais criatividade, eram exatamente os trabalhadores das empresas da Ford no Brasil.

E tive o prazer, pela terceira vez em poucos meses, de ouvir da Direção da Caterpillar, que os funcionários da Caterpillar do Brasil são, possivelmente, os que melhor produzem, os que têm mais criatividade e, possivelmente, fazem parte dos melhores funcionários de toda a Caterpillar, no mundo inteiro.

Isso é motivo de orgulho. Motivo de orgulho porque esses dias começou a sair uma propaganda na televisão falando da auto-estima do povo brasileiro, onde aparece o Ronaldinho e aparece o Herbert Viana, em outra, mostrando de um lado o pessimismo, os incrédulos, aqueles que não acreditam em nada ou acreditam que tudo será pior; aquele que já levanta achando que o dia vai ser péssimo, sem antes abrir a janela para ver como é que está o dia.

Pois bem, aquela campanha feita pela iniciativa privada, pelos publicitários do Brasil, era uma coisa que faltava para nós e que nós precisamos recuperar. Este país já foi a 8ª economia mundial. Quando nós éramos a 8ª economia mundial não tinha o Grupo dos Oito, era só o G-7. Quando nós caímos para 10º lugar, aí criaram o G-8, porque já não era mais o Brasil, possivelmente não coubesse um país latino-americano no grupo dos países mais ricos. Mas como nós somos brasileiros e não desistimos nunca; este país ainda vai voltar a ser a 7ª, a 6ª ou a 8ª economia do mundo para ver se os mais ricos vão diminuir o grupo dos privilegiados.

Em um debate que fiz em Nova Iorque, Governador, eu, junto com uns duzentos investidores, eu dizia para eles que o risco-Brasil aparece todo dia lá, a 500, 600, 700 pontos; já estive a 2 mil e 400, e baixou muito. Mas qual é o risco que um país como este oferece? Qual é o risco, com um povo extraordinário como este? Eu não diria um povo dócil, mas um povo civilizado, um povo que tenta resolver os seus problemas dialogando, conversando com



as pessoas. Nós não temos maremoto, não temos furacão, não temos vulcão, não temos guerra, não temos guerrilha. Temos uma democracia sólida, com instituições sólidas. Qual é o problema do risco-Brasil? Possivelmente, muita gente que avalia o risco do Brasil, não conhece o Brasil.

Eu queria pedir à Direção da Caterpillar que passasse a fazer uma avaliação do “risco-Brasil”, quem sabe, a partir daí, o nosso risco começasse a ser zero, porque todo mundo sabe que este país tem um governo que já deu demonstração de que honra os contratos e os compromissos assumidos. Mas, sobretudo, este país está convencido de que nós precisamos deixar de ser um país eternamente em desenvolvimento, para nos transformarmos num país desenvolvido, num país capaz de gerar, do Oiapoque ao Chuí, trabalhadores com a formação profissional de vocês; trabalhadores que possam receber de outros empresários os elogios que a Direção desta empresa fez a vocês, de público, e a mim na conversa que tive com eles.

Por isso, eu quero parabenizar a Caterpillar. Dizer que, se depender de hidrelétricas, se depender de estradas, se depender de investimentos em infraestrutura para a Caterpillar crescer um pouco mais e contratar mais funcionários, podem começar a fazer a contratação, porque ela vai ter razão de sobra para isso.

Muito obrigado e meus parabéns pelos 50 anos da Caterpillar.